

NAS TRILHAS
DOS JOVENS
ANOS ESCOLARES

*Itinerários de intelectuais
sergipanos (1935-1945)*

Conselho Editorial Educação Nacional

- Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucídio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

- Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



João Paulo Gama Oliveira

NAS TRILHAS
DOS JOVENS
ANOS ESCOLARES

*Itinerários de intelectuais
sergipanos (1935-1945)*

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, João Paulo Gama

Nas trilhas dos jovens anos escolares : itinerários de intelectuais sergipanos (1935-1945) / João Paulo Gama Oliveira. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020. – (Coleção Uma Casa de Educação Literária : 150 anos do Ateneu Sergipense)

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-17-2

1. Colégio Estadual Atheneu Sergipense – História
2. Educação
3. Educação – Brasil – História
4. Educação – Historiografia – Sergipe
5. Intelectuais – Sergipe – História – (1935-1975)
6. Professores – Brasil, Sergipe I. Título II. Série.

20-41656

CDD-370.98141

Índices para catálogo sistemático:

1. Colégio Estadual Atheneu Sergipense : História : Educação 370.98141

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
imagem de capa: Atheneu Sergipense, acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: do autor
bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

Esta obra contou com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital n. 7/2019, Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP), processo n. 88881.359550/2019-01.

Apoio:

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Secretaria de Estado da Educação, do Esporte
e da Cultura do Estado de Sergipe (SEDUC-SE)
Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS)

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2020

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*À Maria Marleide, minha inesquecível “vó”
(in memoriam).*

*À Maria Edna e Eduardo Francisco,
meus pais e exemplos de vida.*

À Roselusia Teresa, minha amada.

A João Francisco e Bento José, frutos do nosso Amor.

*A todos aqueles que, nos caminhos da vida,
deixam pegadas a serem seguidas.*

AGRADECIMENTOS

Aos fins das tardes, após o árduo trabalho do dia, costumo escrever estas linhas. Ouço vir de longe um som trôpego e obstinado de Oboé. Certamente de um aprendiz. Penso, ao escrever estas crônicas, perseguindo “o Engenho e a arte”: sou eu, talvez, como este obstinado aprendiz de Oboé?! (Manoel Cabral Machado, 2005b, p. 9)
Um “aprendiz de Oboé” – assim se autodescrevia Cabral Machado ao começar seu livro de mesmo título. Aquele que tenta “escrever estas linhas”, após horas longas de trabalho, como um aprendiz na busca por dominar um novo instrumento. Com o espírito de “aprendiz”, contei constantemente com a contribuição de pessoas para que o trabalho de pesquisa culminasse no presente livro. Então, é chegada a hora de agradecer.

Sempre grato a Deus, pela sua infinita bondade e providência.
Aos meus pais: Maria Edna e Eduardo Francisco, os quais nunca pouparam esforços para investir na educação, não só minha, mas dos seus três filhos. Aos meus irmãos amados, Pedro Henrique e Valéria Patrícia, aos meus tios queridos Edagilson e Edilson. À vó Marleide e ao vó Edgar (in memoriam), que partiram deste plano nos últimos tempos, mas deixaram as marcas de suas vidas impregnadas naqueles que os rodeavam.

À Roselusia Teresa, minha amada esposa. Só me resta a agradecer a Deus por ter colocado você na minha vida e a você por se permitir me amar e deixar ser amada, rompendo barreiras, distâncias e construindo nossos projetos, nossa família, na certeza de que juntos somos mais! Aos nossos filhos: João Francisco e Bento José, vocês são a certeza da presença e do amor de Deus nas nossas vidas.

Agradeço à orientadora da Tese, que, em partes, transforma-se em livro, Eva Maria Siqueira Alves. Mulher forte, de personalidade singular, um exemplo de dedicação e seriedade no trabalho como professora e pesquisadora que é. Muito obrigado por tantas aprendizagens e vivências ao longo dos últimos anos.

Ao Grupo de Pesquisa “Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem”, cujas leituras e debates incitaram novas reflexões e repercutiram direta ou indiretamente na tese, especialmente à minha amiga/irmã Simone Paixão e à poçoeverdense Rosemeire Marcedo.

Ao casal mais simpático e agradável da intelectualidade sergipana: Beatriz Gois e Ibarê Dantas. À professora Terezinha Oliva, pelos contatos fornecidos das famílias.

Aos docentes que estiveram presentes na Banca de Defesa da Tese, Anamaria Freitas, Joaquim Tavares, Lina Aras, Norberto Dallabrida e Samuel Albuquerque, muito obrigado pelos comentários precisos e pela leitura minuciosa. Assim como os professores da Banca de Qualificação, Margarida Louro Felgueiras, Eliana Souza e Samuel Albuquerque.

Aos amigos, que a correria da vida não deixou os laços desatarem, Jairton Peterson, Paulo Dantas, Agnaldo Almeida, Emilia Guerra, Dênis Correia, Diego Matos, Elizângela Souza, Iara Alves, Ricardo Nascimento, Igor Teles, Maria José Dantas, Sayonara Almeida, Sayonara Rodrigues, Rafael Nascimento e Daniele Virginie.

Às famílias dos intelectuais aqui pesquisados, que se mostraram disponíveis a aceitar abrir seu “baú de memórias” para um “estranho”. Aos funcionários dos locais de pesquisa, um agradecimento especial ao IHGSE e ao CEMAS.

Por fim, fica a certeza de que pesquisar exige laços de amizade com pessoas que auxiliam, entendem, questionam e, mais que isso, vivem este momento da vida particular de cada um. Sou feliz por ter ao meu lado essas pessoas que tornaram a caminhada mais agradável e saborosa.

O risco é da condição humana e por isso mesmo a sua grandeza, como dizia Pascal, é que precisamos participar o mais intensamente possível das coisas e dos acontecimentos para não nos escravizarmos nem a um nem aos outros. É o paradoxo da beleza suprema do nosso destino. Para nos libertarmos devemos nos submeter. Para termos paz devemos aceitar a luta. Para compreendermos o valor das coisas sensíveis, devemos atravessar o labirinto das coisas complicadas

Palavras de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, citadas por Maria Thetis Nunes na abertura do seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras em 1990).

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
<i>Norberto Dallabrida</i>	

Capítulo I

HORIZONTES DA CAMINHADA: UMA INTRODUÇÃO	17
--------------------------------------------------	----

Capítulo II

“DEU OS PRIMEIROS PASSOS E D’AHÍ CONTINUOU A CAMINHAR”: NAS TRILHAS DE “LINHAS FRAGMENTADAS”	33
----------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Capítulo III

ENTRE AS AULAS EM CAPELA E O GINÁSIO DA BAHIA, O ATHENEU SERGIPENSE: ASPECTOS DA VIDA ESTUDANTIL DE MANOEL CABRAL MACHADO	59
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Capítulo IV

A ESCOLARIZAÇÃO DE SILVÉRIO LEITE FONTES: DE ARACAJU A SALVADOR, UMA PASSAGEM PELO ATHENEU SERGIPENSE	89
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Capítulo V

UMA ITABAIANENSE EM ARACAJU:

A ALUNA MARIA THETIS NUNES

NO ATHENEU SERGIPENSE 99

Capítulo VI

DAS PRIMEIRAS AULAS COM IAIAZINHA

AOS ESCRITOS NO CURSO CLÁSSICO

DO ATHENEU SERGIPENSE: O ALUNO

BONIFÁCIO FORTES 131

Capítulo VII

“MUITOS FORAM OS CAMINHOS

POR MIM PERCORRIDOS”:

“POSSO DIZER MENINOS EU VI...” 151

REFERÊNCIAS 157

PREFÁCIO

No presente ano, por meio de diversificados eventos escolares e culturais, está sendo comemorado o sesquicentenário do Atheneu Sergipense. Trata-se de um momento de celebração e de memória que dá visibilidade ao principal colégio público de ensino secundário de Sergipe. O olhar histórico sobre o Atheneu Sergipense é de longa duração porque ele foi criado em 1870 e se desdobra até os dias que correm. Esse educandário sergipano de escol foi configurado por diversos modelos de ensino secundário. Houve um primeiro tempo marcado pelo padrão liceal do oitocentos, mas logo substituído pela formação republicana do ginásio. No entanto, a partir de 1931, a reforma Francisco Campos reestruturou o ensino secundário que passou a ter dois ciclos – o fundamental e o complementar – e valorizou as ciências naturais no seu currículo. Onze anos depois, a reforma Capanema redesenhou esses dois ciclos, passando a ser chamados de ginásial e colegial, e voltou a tonificar as humanidades clássicas. Esse longo ensino secundário foi desconstruído pela Lei 5.692, de 1971, que, a partir dos acordos MEC-USAID, criou o 1º e 2º graus. Durante o século XX, de modo transversal, o Atheneu Sergipense passou de uma formação disciplinar – no sentido foucaultiano – para práticas escolares de regulação mais democráticas e criativas, que se afinam no tempo presente.

Nesta direção, este livro relê o momento histórico das décadas de 1930 e 1940 do Ateneu Sergipense, quando vigoravam as reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema, cujo traço em comum era um ensino secundário com dois ciclos. Trata-se da longa escolarização secundária à moda europeia, chamada pelo historiador Lucien Febvre de “o todo-poderoso império do meio”, que tinha um peso decisivo na verticalização da educação formal. O ensino secundário era uma etapa da escolarização distinta porque se diferenciava dos cursos técnicos, bem como ao curso normal, que, grosso modo, preparavam para o ingresso imediato no mercado de trabalho; e destacada porque tinha uma função propedêutica para o ensino superior de elite. Formalmente esta singularidade do ensino secundário permaneceu, efetivamente, até a vigência da Lei de Diretrizes de Educação Básica de 1961, que, criando o ensino médio, conferiu equiparação para todos os cursos da escolarização entre o curso primário e o ensino superior. Como colégio público estadual, o Atheneu Sergipense ofereceu o ensino secundário para toda uma geração de jovens que almejavam desdobrar a sua formação em nível superior.

No entanto, a presente obra – parte da tese de doutorado de João Paulo Gama Oliveira – coloca o foco sobre uma questão bem específica, qual seja: a compreensão dos itinerários estudantis no ensino secundário de quatro jovens que tiveram passagem pelo Atheneu Sergipense e que integraram, na década de 1950, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – embrião da Universidade Federal homônima. Trata-se do estudo dos anos de estudante secundarista de Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes, Maria Thetis Nunes e José Bonifácio Fortes Neto, ou seja, três alunos e uma aluna, o que é representativo para o ensino secundário da época, ainda frequentado majoritariamente por homens. O aporte teórico-metodológico para ler os itinerários desses estudantes é fundamentado na perspectiva da história dos intelectuais proposta por Jean-François Sirinelli. Esta chave historiográfica é percebida pelos conceitos de itinerário intelectual,

geração e rede de sociabilidade, bem como na diferenciação dos intelectuais entre criadores e mediadores, que são movimentados de forma instigante. A leitura histórica dos intelectuais empreendida por Sirinelli é uma das alternativas para fugir da “ilusão biográfica” – expressão cunhada por Pierre Bourdieu para criticar a biografia que se centra no indivíduo. Assim, as trilhas dos anos escolares secundaristas de quatro intelectuais sergipanos estão relacionadas com outros momentos dos seus itinerários.

Inicialmente João Paulo lança um olhar sobre a atmosfera sociofamiliar e o curso primário de Manoel, José Silvério, Maria Thetis e José Bonifácio, indicando seus pertencimentos a frações da classe média. Há uma certa desigualdade social entre os quatro, pois, enquanto os meninos tiveram uma vida infantil com mais recursos materiais e culturais, a única menina teve mais dificuldades. Os pais dos meninos eram médico, dentista e farmacêutico/servidor público e o pai da menina teve profissão instável e faleceu quando ela era uma criança; as suas mães cumpriram o papel de atuação na vida privada, mas a mãe de Manoel era professora e a mãe de Thetis, ao ficar viúva, teve que fazer esforço redobrado na educação dos filhos. As fotografias das casas das crianças – particularmente do “sobradão” dos Cabral Machado – e a presença de piano e de jornais e revistas nas mesmas, são sinais distintivos da classe média. Também é importante destacar que boa parte das crianças foram alfabetizadas no meio familiar e o tio de Manoel era padre que tinha o gosto pela literatura. De outra parte, com exceção de José Bonifácio, as outras crianças fizeram o curso primário em cidades do interior e migraram para Aracaju para fazer o ensino secundário.

Nos itinerários dos intelectuais sergipanos, João Paulo analisa as suas passagens pelo Atheneu Sergipense nas décadas de 1930 e 1940, quando cursaram parte ou todo o longo ensino secundário. Manoel, Silvério e Thetis fizeram o ensino secundário pautado pela Reforma Francisco Campos e optaram pelo curso complementar pré-jurídico, mas José Bonifácio frequentou o Atheneu quando já vigorada a Reforma Capanema, tendo escolhido, no ciclo colegial,

o curso clássico. Enquanto Maria Thetis fez os ciclos fundamental e complementar pré-jurídico nesse educandário, os três jovens também foram alunos de outros colégios de Aracaju e de Salvador. Como alunos secundaristas do principal colégio público de ensino secundário de Sergipe, destacaram-se pela escrita em jornais e pela participação em associações e grêmios estudantis, construindo uma rica rede de sociabilidade. Esses secundaristas verticalizaram a sua formação em nível superior em Salvador, de sorte que os três jovens fizeram o Curso de Direito e Maria integrou a primeira turma do curso de Geografia e História na Faculdade de Filosofia. Essa divisão é representativa para os anos 1940 em termos de gênero porque mais homens faziam Direito e as mulheres começavam a se inserir na docência no ensino secundário. Mas talvez também esteja relacionada às origens sociais dos jovens homens e a única mulher, que ficou órfã bem cedo e estudou todo o ensino secundário no Atheneu Sergipense.

No início da década de 1950, os itinerários de Manoel, José Silvério, Maria Thetis e José Bonifácio voltaram a se cruzar na condição de professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Na visão histórica de Sirinelli, João Paulo os apreende, acertadamente, como intelectuais mediadores e fazendo parte de uma geração que passou pelos bancos escolares do Atheneu Sergipense nos anos 1930 e 1940 e realizou estudos superiores em Salvador. Nesta direção, podemos ler os escritos autobiográficos de Manoel, José Silvério Leite e José Bonifácio e o discurso de Maria Thetis na Academia Sergipana de Letras, que rememoram o colégio de ensino secundário público que eles frequentaram na juventude. Enfim, nos itinerários e nas memórias dos intelectuais mediadores analisados neste belo livro, todos os caminhos levam ao Atheneu Sergipense.

Norberto Dallabrida (UDESC)

Floripa, março de 2020